

JOGOS DE HERANÇA 3

A APOSTA FINAL



JENNIFER LYNN BARNES

Alt

JOGOS DE HERANÇA 3

A APOSTA
FINAL

JENNIFER LYNN BARNES

Tradução
Isadora Sinay





© Kim Haynes Photography

Jennifer (Jen) Lynn Barnes nasceu em Oklahoma, nos Estados Unidos, e é autora *best-seller* da série Jogos de Herança, entre outros títulos. Ela é graduada em Psicologia, Psiquiatria e Ciências Cognitivas e pós-graduada por Cambridge e Yale. Jen escreveu seu primeiro romance aos dezenove anos e vendeu seus cinco primeiros livros ainda na faculdade. Ela também escreveu roteiros originais para redes de televisão e é uma das maiores especialistas em Psicologia do Fandom e Ciência Cognitiva da Ficção. Jen é professora da Universidade de Oklahoma, onde ensina Psicologia e Redação.

www.jenniferlynnbarnes.com
[@jenlynnbarnes!](https://www.instagram.com/jenlynnbarnes/)

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Capítulo 78

Capítulo 79

Capítulo 80

Capítulo 81

Capítulo 82

Capítulo 83

Capítulo 84

Capítulo 85

Capítulo 86

Um ano depois...

Agradecimentos

Para William

CAPÍTULO 1

— **Precisamos falar do** seu aniversário de dezoito anos.

As palavras de Alisa ecoaram pela maior das cinco bibliotecas da Casa Hawthorne. Estantes que iam do chão ao teto ocupavam dois andares, nos envolvendo em volumes de capa dura e encadernação de couro, muitos inestimáveis, cada um deles uma lembrança do homem que havia construído aquela sala.

Aquela casa.

Aquela dinastia.

Quase imaginei o fantasma de Tobias Hawthorne me observando quando me ajoelhei e passei a mão pelo chão de mogno, buscando irregularidades nos vincos.

Como não encontrei nenhuma, me levantei e respondi à declaração de Alisa.

— Precisamos? Precisamos *mesmo*?

— Legalmente? — A formidável Alisa Ortega arqueou uma sobrancelha para mim. — Precisamos. Você pode já ter sido emancipada, mas, nos termos da sua herança...

— Nada muda quando eu fizer dezoito — falei, examinando a sala em busca do meu próximo passo. — Eu não vou herdar até ter morado na Casa Hawthorne por um ano.

Eu conhecia minha advogada bem o suficiente para saber que era *daquilo* que ela realmente queria falar. Meu aniversário era em dezoito de outubro. Eu alcançaria a marca de um ano na primeira semana de novembro e instantaneamente me tornaria a adolescente mais rica do planeta. Até lá eu tinha outras preocupações.

Uma aposta para ganhar. Um Hawthorne para vencer.

— Seja como for... — Alisa era tão fácil de deter quanto um trem em alta velocidade. — Com seu aniversário chegando, devemos

discutir algumas coisas.

Bufei, rindo.

— Quarenta e seis bilhões de coisas?

Alisa me olhou, exasperada, e eu me concentrei na missão. A Casa Hawthorne era cheia de passagens secretas. Jameson tinha apostado que eu não conseguiria encontrar todas. Olhando o enorme tronco de árvore que servia de escrivaninha, enfiei a mão na bainha dentro da minha bota e puxei a faca para testar uma rachadura natural na superfície da mesa.

Eu tinha aprendido do pior jeito que não podia ir a lugar nenhum desarmada.

— Checagem de choro! — Xander “sou uma máquina de Rube Goldberg que anda e fala” Hawthorne enfiou a cabeça para dentro da biblioteca. — Avery, em uma escala de um a dez, o quanto você precisa se distrair nesse momento e quão apegada você é a suas sobancelhas?

Jameson estava do outro lado do mundo. Grayson não tinha ligado desde que havia ido para Harvard. Xander, meu autodeclarado BFFH — *Best Friend Forever Hawthorne* —, considerava seu dever sagrado me manter animada na ausência dos irmãos.

— Um — respondi. — E dez.

Xander fez uma pequena medida.

— Então *adieu*.

Em um piscar de olhos, ele havia sumido.

Algo definitivamente ia explodir nos dez minutos seguintes. Eu me virei de volta para Alisa e analisei o resto do cômodo: as estantes que pareciam infinitas, as escadas de ferro fundido que espiralavam para cima.

— Só diga o que você veio dizer, Alisa.

— Pois é, Lee-Lee — disse uma voz profunda, açucarada e arrastada vinda do corredor. — Nos ilumine.

Nash Hawthorne assumiu posição na porta, seu característico chapéu de caubói puxado para baixo.

— Nash. — Alisa usava seu terninho como uma armadura. — Isso não é da sua conta.

Nash se recostou no batente da porta e cruzou preguiçosamente o pé direito sobre o tornozelo esquerdo.

— Se a menina me mandar sair, eu saio.

Nash não confiava em Alisa comigo. Fazia meses.

— Está tudo bem, Nash — falei. — Você pode ir.

— Eu imagino que sim.

Nash não fez sinal de desencostar do batente. Ele era o mais velho dos quatro irmãos Hawthorne, acostumado a pastorear os outros três. Ao longo do último ano, tinha estendido o hábito a mim. Ele e minha irmã “não estavam namorando” há meses.

— Não é noite do não namoro? — perguntei. — Não significa que você deveria estar em outro lugar?

Nash tirou o chapéu de caubói e deixou que o olhar firme pousasse no meu.

— Eu aposto — disse ele, se virando para sair da sala — que ela quer falar com você sobre abrir um fundo.

Eu esperei até que Nash não pudesse ouvir antes de me virar para Alisa.

— Um fundo?

— Eu só queria que você soubesse das suas opções. — Alisa tinha a típica facilidade dos advogados em se esquivar de respostas específicas. — Vou montar um dossiê para que você dê uma olhada. Agora, quanto ao seu aniversário, existe também a questão da festa.

— Sem festa — respondi imediatamente.

A última coisa que eu queria era transformar meu aniversário em um evento que fosse parar nas manchetes e explodisse em hashtags.

— Você tem uma banda favorita? Ou um cantor? Precisamos de uma atração.

Senti meus olhos se apertarem.

— Sem festa, Alisa.

— Tem alguém que você quer na lista de convidados?

Quando Alisa se referia a *alguém*, não estava falando de gente que eu conhecia, e sim de celebridades, bilionários, socialites, realeza...

— Sem lista de convidados — insisti —, porque não vou dar uma festa.

— Você realmente deveria considerar a imagem... — começou Alisa, e eu me desliguei da conversa.

Eu sabia o que ela ia dizer. Ela vinha dizendo a mesma coisa havia quase onze meses. *Todo mundo ama uma história de Cinderela.*

Bem, essa Cinderela tinha uma aposta para ganhar. Analisei as escadas de ferro fundido. Três espiralavam em sentido anti-horário. Mas a quarta... Eu andei até ela e subi os degraus. Ao chegar no segundo andar, passei os dedos por baixo da estante em frente à escada. *Uma alavanca.* Eu a puxei, e toda a prateleira curva se virou para trás.

Número doze. Dei um sorriso malicioso. *Toma essa, Jameson Winchester Hawthorne.*

— Sem festa — repeti para Alisa, e desapareci parede adentro.

CAPÍTULO 2

À noite, subi na cama, os lençóis de algodão egípcio frescos e macios contra minha pele. Enquanto esperava pela ligação de Jameson, minha mão foi parar na mesinha de cabeceira, onde estava um pequeno broche de bronze em forma de chave.

— *Escolha uma das mãos.*

Jameson estende os dois punhos. Eu toco sua mão direita e ele abre os dedos, me mostrando a palma vazia. Tento a esquerda, mesma coisa. Então ele fecha meus dedos em um punho. Eu os abro e lá está o broche, na palma da minha mão.

— *Você resolveu as chaves mais rápido que qualquer um de nós — lembra Xander. — Já passou da hora disso!*

— *Desculpa, menina — diz Nash, com a voz arrastada. — Já faz seis meses. Você é uma de nós agora.*

Grayson não diz nada, mas, quando eu me atrapalho para colocar o broche e o derrubo, ele o pega antes que caia no chão.

A memória queria levar a outra — *Grayson, eu, a adega* —, mas não deixo. Nos últimos meses, eu desenvolvera meus próprios métodos de distração. Peguei o celular, abri um site de financiamento coletivo e fiz uma busca por *despesas médicas e aluguel*. Ainda faltavam seis semanas para a fortuna Hawthorne ser minha, mas os sócios da McNamara, Ortega e Jones já tinham me arranjado um cartão de crédito basicamente ilimitado.

Manter doação anônima. Cliquei naquela opção repetidas vezes. Quando o celular finalmente tocou, eu me recostei e atendi.

— Alô.

— Preciso de um anagrama da palavra *pelada*.

Havia um zumbido de energia na voz de Jameson.

— Não precisa, não — falei, e me virei de lado. — Como está aí na Toscana?

— O lugar de origem do Renascimento Italiano? Cheia de estradas sinuosas e vales, onde uma neblina matinal se ergue ao longe e as florestas estão cheias de folhas de um vermelho tão brilhante que o mundo todo parece estar pegando fogo da melhor maneira possível? Essa Toscana?

— Isso — murmurei. — Essa Toscana.

— Já vi melhores.

— Jameson!

— Do que você quer saber primeiro, Herdeira: Siena, Florença ou as vinícolas?

Eu queria *tudo*, mas havia um motivo para Jameson estar usando o habitual ano sabático dos Hawthorne para viajar.

— Me fale da mansão.

Você encontrou alguma coisa?

— Sua mansão toscana foi construída no século dezessete. Supostamente é um sítio, mas parece mais um castelo, e é cercada por mais de quarenta hectares de oliveiras. Tem uma piscina, um forno a lenha para pizzas e uma enorme lareira de pedra original.

Dava para imaginar. Vividamente — e não só porque tinha um fichário com fotos.

— E quando você conferiu a lareira?

Eu não precisava perguntar se ele *tinha* checado a lareira.

— Eu encontrei uma coisa.

Eu me sentei, meu cabelo caindo pelas costas.

— Uma pista?

— Provavelmente — respondeu Jameson. — Mas para qual quebra-cabeça?

Todo meu corpo estava eletrizado.

— Se não me contar, eu vou *acabar* com você, Hawthorne.

— E eu — respondeu Jameson respondeu — adoraria ser acabado.

Meus lábios traidores ameaçaram sorrir. Sentindo o gosto da vitória, Jameson me deu a resposta:

— Eu encontrei um espelho triangular.

Simple assim, meu cérebro deu a largada. Tobias Hawthorne tinha criado os netos com quebra-cabeças, enigmas e jogos. O espelho provavelmente era uma pista, mas Jameson estava certo:

não tínhamos como saber de que jogo. De qualquer forma, não era atrás disso que ele estava viajando o mundo.

— Nós vamos descobrir o que o disco era — disse Jameson, praticamente lendo minha mente. — O mundo é o tabuleiro, Herdeira. Só precisamos continuar jogando os dados.

Talvez, mas não estávamos seguindo uma trilha, nem jogando um dos jogos do velho. Estávamos Tateando no escuro, esperando que existissem respostas lá fora, respostas que nos diriam por que um pequeno disco, parecido com uma moeda e gravado com círculos concêntricos, valia uma fortuna.

Por que o único filho de Tobias Hawthorne, nomeado em sua homenagem, tinha deixado o disco para minha mãe.

Por que Toby o tinha pegado de mim antes de desaparecer e se fazer de morto de novo.

Toby e o disco eram minhas últimas conexões com a minha mãe, e ambos tinham sumido. Doía pensar naquilo por muito tempo.

— Encontrei outra passagem secreta hoje — falei de repente.

— É mesmo? — respondeu Jameson, o equivalente verbal de estender uma das mãos no início de uma valsa. — Qual você encontrou?

— Biblioteca circular.

Do outro lado da linha telefônica houve um silêncio breve, mas inconfundível.

Então entendi.

— Você não sabia dessa.

A vitória era tão doce.

— Quer que eu te conte onde é? — ronronei.

— Quando eu voltar — murmurou Jameson —, eu mesmo descubro.

Eu não fazia ideia de quando ele ia voltar, mas logo meu ano na Casa Hawthorne terminaria. Eu estaria livre. Poderia ir a qualquer lugar, fazer qualquer coisa — *todas* as coisas.

— Aonde você vai agora? — perguntei a Jameson.

Se eu me deixasse pensar demais em *todas as coisas*, eu me afundaria nelas — em desejo, em saudades, em acreditar que eu poderia ter tudo.

— Santorini — respondeu Jameson. — Mas é só dizer, Herdeira, e...

— Continue. Continue procurando — falei, minha voz ficando rouca. — Continue me contando tudo.

— Tudo? — repetiu Jameson em um tom baixo e grave que me fez pensar no que nós dois poderíamos estar fazendo se eu estivesse lá com ele.

Eu me virei de barriga para baixo.

— O anagrama que você estava procurando? É *pedala*.

CAPÍTULO 3

As semanas passaram em uma mistura de bailes beneficentes e provas da escola, noites conversando com Jameson e tempo demais me perguntando se Grayson um dia atenderia a droga do telefone.

Foco. Afastando tudo da mente, eu mirei. Olhando pela mira da arma, inspirei, expirei e atirei — e atirei de novo e de novo.

A propriedade Hawthorne tinha de tudo, inclusive sua própria sala de tiro. Eu não era chegada em armas. Não era minha praia. Mas estar indefesa também não era. Forçando meu maxilar a relaxar, baixei a arma e tirei a proteção de ouvido.

Nash examinou meu alvo.

— Bom arranjo, menina.

Teoricamente, eu nunca precisaria de uma arma, nem da faca na minha bota. Na teoria, a propriedade Hawthorne era impenetrável, e, quando eu saía para o mundo, sempre era acompanhada de seguranças armados. Contudo, desde que fora nomeada no testamento de Tobias Hawthorne, eu tinha levado um tiro, quase explodido e sido sequestrada. A *teoria* não tinha impedido os pesadelos.

Nash ter me ensinado a revidar, sim.

— Sua advogada já te trouxe os documentos para o fundo? — perguntou casualmente.

Minha advogada era a ex dele, que ele conhecia bem demais.

— Talvez — respondi.

A explicação de Alisa ainda ecoava nos meus ouvidos: *Normalmente, com um herdeiro da sua idade, haveria certas garantias determinadas. Como o sr. Hawthorne preferiu não instalá-las, é uma opção que você mesma deveria considerar.* Segundo Alisa, se eu colocasse o dinheiro em um fundo, poderia nomear um

responsável por cuidar e aumentar a fortuna por mim. Alisa e os sócios da McNamara, Ortega e Jones estavam, é claro, dispostos a servir como os responsáveis, com o entendimento de que não me negariam nada que eu pedisse. *Um fundo revogável apenas diminuiria a pressão até que você esteja pronta para tomar as rédeas totalmente.*

— Me lembre, por favor — disse Nash, se inclinando para me olhar nos olhos —: qual é a nossa regra sobre jogo sujo?

Ele não era nem de longe tão sutil quanto imaginava quando se tratava de Alisa Ortega, mas respondi a pergunta mesmo assim.

— Não existe jogo sujo se você ganhar.

CAPÍTULO 4

Na manhã do meu aniversário de dezoito anos — e do primeiro dia das férias de outono da celebrada Escola Heights Country Day —, eu acordei e vi um vestido de festa indescritivelmente lindo pendurado na porta do quarto. Era comprido, de um verde azulado escuro, com um corpete marcado por dezenas de milhares de minúsculas pedrinhas pretas que formavam um padrão delicado e hipnotizante.

Era um vestido de parar o trânsito. De cair o queixo.

Um vestido que alguém usaria para uma festa de gala que daria manchetes e explodiria em hashtags. *Droga, Alisa*. Fui até o vestido, me sentindo rebelde — até que vi o bilhete pendurado no cabide. **ME VISTA SE TIVER CORAGEM.**

Não era a letra de Alisa.

Encontrei Jameson na borda do bosque Black Wood. Ele estava de smoking branco, bem-vestido até demais, e parado ao lado de — eu juro por Deus — um balão de ar quente.

Jameson Winchester Hawthorne. Eu corri como se o vestido não me impedisse, como se eu não tivesse uma faca amarrada na coxa.

Jameson me pegou, nossos corpos colidindo.

— Feliz aniversário, Herdeira.

Alguns beijos eram suaves e macios — e outros eram como fogo.

Finalmente, a noção de que tínhamos público conseguiu invadir meu cérebro. Oren era discreto, e não estava olhando *para* a gente, mas meu chefe de segurança obviamente não ia deixar Jameson Hawthorne sair voando comigo sozinho.

Eu me afastei, relutante.

— Um balão? — perguntei a Jameson, seca. — Sério?

— Eu deveria te avisar, Herdeira... — disse Jameson, e se jogou por cima da borda da cesta, aterrissando agachado. — Sou perigosamente bom com aniversários.

Jameson Hawthorne era perigosamente bom em várias coisas.

Ele estendeu a mão para mim. Eu a aceitei e nem tentei fingir que tinha me acostumado com aquilo — com tudo aquilo, qualquer parte daquilo, com *e/e*. Dali a milhão de anos, a vida que Tobias Hawthorne tinha me deixado ainda me deixaria sem fôlego.

Oren entrou no balão depois de mim e fixou o olhar no horizonte. Jameson soltou as cordas e acendeu a chama.

Nós subimos.

No ar, com o coração na garganta, eu olhei para a Casa Hawthorne lá embaixo.

— Como se dirige isso? — perguntei a Jameson enquanto tudo, exceto nós dois e meu guarda-costas muito discreto, ficava menor e mais distante.

— Não se dirige — disse Jameson, me abraçando. — Às vezes, Herdeira, tudo que podemos fazer é reconhecer para qual direção o vento está soprando e planejar um percurso.

O balão era só o começo. Jameson Hawthorne não fazia nada pela metade.

Um piquenique secreto.

Um passeio de helicóptero até o Golfo.

Fuga dos *paparazzi*.

Uma dança lenta, descalços na praia.

O oceano. Um penhasco. Uma aposta. Uma corrida. Um desafio. *Eu vou me lembrar disso*. Essa era minha sensação na volta de helicóptero para casa. *Eu vou me lembrar de tudo*. Dali a anos, eu ainda *sentiria* aquilo tudo. O peso do vestido, o vento no rosto. Areia quente na pele e morangos cobertos de chocolate derretendo na língua.

Ao pôr do sol, já estávamos quase em casa. Tinha sido o dia perfeito. Sem multidões. Sem celebridades. Sem...

— Festa — falei quando o helicóptero se aproximou da propriedade Hawthorne e notei o que aparecia lá embaixo.

O jardim de topiária e o gramado ao lado estavam iluminados por milhares de luzinhas... e isso nem era o pior.

— É melhor aquilo não ser uma pista de dança — falei, séria.

Jameson manobrou o helicóptero para a aterrissagem, jogou a cabeça para trás e sorriu.

— Você não vai falar nada da roda-gigante?

Claro que ele tinha precisado me tirar da Casa.

— Vou te matar, Hawthorne.

Jameson desligou o motor.

— Por sorte, Herdeira, os Hawthorne têm sete vidas.

Quando desembarcamos e caminhamos na direção do jardim, eu me virei para Oren e estreitei os olhos.

— Você sabia disso — acusei.

— Eu posso ter sido apresentado a uma lista de convidados para vetar.

A expressão do meu chefe de segurança era completamente impossível de interpretar... até a festa aparecer na nossa frente. Então ele *quase* sorriu.

— Eu também posso ter vetado alguns dos nomes na lista — acrescentou.

E por *alguns*, logo notei, ele quis dizer quase todos.

A pista de dança estava coberta de pétalas de rosa e iluminada por cordões cruzados de luzes delicadas, brilhando suavemente como vagalumes. Um quarteto de cordas tocava à esquerda de um bolo que eu teria esperado ver em um casamento da realeza. A roda-gigante girava ao longe. Garçons de smoking carregavam bandejas de champanhe e aperitivos.

Mas não havia convidados.

— Gostou?

Libby apareceu ao meu lado. Ela estava vestida como a princesa de um conto de fadas gótico, e sorria de orelha a orelha.

— Eu queria pétalas de rosa preta, mas assim ficou bom também — acrescentou.

— O que é isso? — Suspirei.

Minha irmã esbarrou o ombro no meu.

— Estamos chamando de baile da introvertida.

— Não tem ninguém aqui.

Senti meu próprio sorriso aumentar.

— Não é verdade — respondeu Libby, animada. — Eu estou aqui. Nash torceu o nariz para a comida chique e se nomeou responsável pela churrasqueira. O sr. Laughlin está comandando a roda-gigante sob a supervisão da sra. Laughlin. Thea e Rebecca estão em um momento *superdiscreto* atrás das esculturas de gelo. Xander está de olho na sua surpresa, e aqui estão Zara e Nan!

Eu me virei bem a tempo de ser cutucada por uma bengala. A bisavó de Jameson me olhou feio enquanto a tia dele nos observava com humor austero.

— Você aí, menina — disse Nan, o que era basicamente sua própria versão do meu nome. — O decote desse vestido te faz parecer uma meretriz.

Ela sacudiu a bengala para mim e então resmungou:

— Eu aprovo.

— Eu também — ressoou uma voz à minha esquerda. — Feliz aniversário para baralho, sua luta linda.

— Max?

Eu a encarei, então olhei de volta para Libby.

— Surpresa!

Ao meu lado, Jameson fez um gesto de desdém.

— Alisa pode ter ficado com a impressão de que haveria uma festa muito maior.

Mas não havia. Era só... *a gente*.

Max me abraçou.

— Me pergunte como vai a faculdade!

— Como vai a faculdade? — perguntei, ainda totalmente chocada.

Max sorriu.

— Menos divertida que o Combate Mortal de Salto da Roda-Gigante.

— Combate Mortal de Salto da Roda-Gigante? — repeti.

Era a cara de Xander. Eu sabia com certeza que os dois tinham mantido contato.

— Quem está ganhando? — perguntou Jameson, inclinando a cabeça para o lado.

Max respondeu, mas, antes que eu pudesse processar o que ela estava dizendo, vi um movimento com o canto do olho; ou talvez eu tenha só sentido. Sentido *ele*. Vestido todo de preto, usando um smoking de dez mil dólares que nem outros caras usam moletons esfarrapados, Grayson Hawthorne entrou na pista de dança.

Ele voltou para casa. Esse pensamento foi acompanhado pela lembrança da última vez que eu o tinha visto. *Grayson, destruído. Eu ao lado dele.* De volta ao presente, Grayson Hawthorne deixou que seus olhos se demorassem nos meus por só um momento, então se virou para o restante da festa.

— Combate Mortal de Salto da Roda-Gigante — falou, com calma. — Isso nunca acaba bem.

CAPÍTULO 5

Na manhã seguinte, acordei e vi o vestido de festa jogado na ponta da cama. Jameson estava dormindo ao meu lado. Eu engoli o impulso de traçar seu maxilar com os dedos, de tocar suavemente a cicatriz que descia pelo seu peito.

Eu já tinha perguntado uma dúzia de vezes de onde vinha aquela cicatriz, e ele tinha me dado uma dúzia de respostas diferentes. Em algumas versões, o culpado era uma pedra afiada. Um para-raios. Um para-brisa.

Um dia eu teria a resposta de verdade.

Eu me permiti mais um momento ao lado de Jameson, então saí da cama, peguei meu broche Hawthorne, me vesti e desci as escadas.

Grayson estava na sala de jantar, sozinho.

— Eu não achei que você voltaria para casa — falei, de alguma forma conseguindo me sentar na frente dele.

— Tecnicamente, não é mais *minha* casa.

Mesmo em um volume baixo, a voz de Grayson inundava o espaço como a maré.

— Em pouco tempo tudo nesse lugar será oficialmente seu — acrescentou.

Não era uma condenação nem uma reclamação. Era um fato.

— Nada precisa mudar por causa disso — eu disse.

— Avery.

Olhos claros e penetrantes encontraram os meus.

— Precisa — continuou. — *Você* precisa.

Antes de eu aparecer, Grayson era o suposto herdeiro. Ele era praticamente especialista no que alguém *precisava* fazer.

E eu era a única que sabia: por baixo daquele exterior controlado e invencível, ele estava desmontando. Eu não podia dizer isso, não podia demonstrar que estava sequer pensando nisso, então continuei no assunto.

— E se eu não conseguir fazer isso sozinha? — perguntei.

— Você não está sozinha.

Grayson deixou o olhar se demorar no meu, então cuidadosa e deliberadamente quebrou o contato visual.

— Todo ano, nos nossos aniversários — disse depois de um momento —, o velho nos chamava para seu escritório.

Eu já tinha ouvido isso antes.

— *Invista. Cultive. Crie* — falei.

Desde pequenos, em todo aniversário, os irmãos Hawthorne tinham recebido dez mil dólares para investir. Também fora dito a eles para escolherem um talento ou um interesse para cultivar, e que nenhum gasto seria poupado nesse cultivo. Finalmente, Tobias Hawthorne lançava um desafio de aniversário: algo para eles inventarem, criarem, fazerem ou fabricarem.

— *Investir...* você logo vai ter resolvido. *Cultivar...* você deveria escolher algo que quer para si. Não uma coisa ou uma experiência, mas uma habilidade.

Eu esperei que Grayson me perguntasse o que eu iria escolher, mas ele não o fez. Em vez disso, tirou um livro de couro do bolso interno do paletó e o deslizou pela mesa.

— Quanto ao seu desafio de aniversário, você vai precisar bolar um plano — falou.

O couro era de um marrom escuro e quente, macio ao toque. As bordas das páginas eram levemente desiguais, como se o livro tivesse sido encadernado à mão.

— É melhor começar com um bom entendimento das suas finanças. Daí, pense no futuro e mapeie seu tempo e seus compromissos financeiros pelos próximos cinco anos.

Eu abri o livro. As páginas beges e grossas estavam em branco.

— Anote tudo — instruiu Grayson. — Então arranque e escreva de novo. De novo e de novo, até ter um plano que funcione.

— Você sabe o que faria na minha posição.

Eu teria apostado minha fortuna inteira que em algum lugar ele tinha um diário, e um plano, todo dele.

Grayson voltou a me olhar.

— Eu não sou você.

Eu me perguntava se havia alguém em Harvard, uma única pessoa, que o conhecia pelo menos um décimo tão bem quanto seus irmãos e eu.

— Você prometeu que ia me ajudar — escapou antes que eu pudesse me conter. — Você disse que me ensinaria tudo que eu precisava saber.

Eu sabia que não deveria lembrar Grayson Hawthorne de uma promessa quebrada. Eu não tinha o direito de pedir isso dele, de pedir nada dele. Eu estava com Jameson. Eu *amava* Jameson. E, durante toda a vida de Grayson, todo mundo tinha esperado coisas demais.

— Desculpa — voltei atrás. — Isso não é problema seu.

— Não me olhe como se eu estivesse quebrado — ordenou Grayson, áspero.

Você não está quebrado. Eu tinha dito isso a ele. Ele não tinha acreditado em mim na época. Ele não acreditaria naquele momento também.

— Alisa quer que eu coloque o dinheiro em um fundo — falei, porque o mínimo que eu devia a ele era mudar de assunto.

Grayson respondeu arqueando a sobrancelha.

— Claro que quer.

— Eu ainda não concordei com nada.

Um sorriso leve puxou as pontas da boca dele.

— Claro que não.

Oren apareceu na porta antes que eu pudesse responder.

— Acabei de receber uma ligação de um dos meus homens — me disse ele. — Tem alguém no portão.

Um aviso soou na minha mente, porque Oren era perfeitamente capaz de cuidar sozinho de visitantes indesejados. *Skye? Ou Ricky?* A mãe de Grayson e o inútil do meu pai não estavam mais presos por um atentado contra mim que, surpreendentemente, eles *não tinham* planejado. Nem por isso haviam deixado de ser ameaças.

— Quem é? — perguntou Grayson, com a expressão afiada.

Oren me olhou nos olhos enquanto respondia a pergunta.
— Ela diz que se chama Eve.

CAPÍTULO 6

Durante meses eu havia mantido a existência da filha de Toby em segredo para todo mundo, exceto Jameson. Porque Toby tinha me pedido... mas não só por isso.

— Eu preciso cuidar disso — eu disse com uma calma que absolutamente não sentia.

— Presumo que minha ajuda não seja necessária?

O tom de Grayson era despreocupado, mas eu o conhecia. Sabia que ele entenderia minha recusa de ajuda como prova de que estava pisando em ovos com ele.

Os Hawthorne não deveriam quebrar, a voz dele sussurrou na minha memória. *Especialmente eu.*

Naquele momento, eu não podia me dar ao luxo de convencer Grayson Hawthorne de que, na minha opinião, ele não era *fraco*, *quebrado* nem *ferido*.

— Agradeço a oferta — eu disse a ele —, mas está tudo bem.

A última coisa de que Grayson precisava era ver a menina no portão.

Enquanto Oren me levava até lá, minha mente corria. *O que ela está fazendo aqui? O que ela quer?* Tentei me preparar, mas, assim que vi a filha de Toby na frente do portão, uma onda de emoção me atingiu. O cabelo ruivo flutuava com uma brisa suave. Mesmo de costas, mesmo usando um vestido branco esfarrapado e manchado, ela era luminosa.

Ela não deveria estar aqui. Toby tinha sido claro: ele não podia me salvar do legado de Tobias Hawthorne, mas *podia* salvar Eve. Da imprensa. Das ameaças. *Da árvore envenenada*, pensei, saindo da SUV.

Eve se virou. Ela se mexia como uma dançarina, ao mesmo tempo graciosa e livre, e, no momento em que seu olhar encontrou

o meu, eu perdi o fôlego.

Eu sabia que Eve era a cara de Emily Laughlin.

Eu sabia.

Mas vê-la era como erguer os olhos e encontrar um tsunami se formando. Ela tinha o cabelo loiro-arruivado de Emily, os olhos de esmeralda de Emily. O rosto em forma de coração, a boca, o delicado conjunto de sardas.

Vê-la iria matar Grayson. Poderia ferir Jameson, mas iria *matar* Grayson.

Eu preciso tirá-la daqui. Essa ideia martelava minha cabeça, mas, quando cheguei ao portão, meus instintos mandaram outro alerta. Olhei para a estrada.

— Deixe-a entrar — eu disse a Oren.

Eu não via nenhum *paparazzi*, mas a experiência tinha me ensinado o perigo das teleobjetivas, e a última coisa de que Jameson ou Grayson precisavam era ver o rosto daquela menina em todos os sites de fofoca da internet.

O portão se abriu. Eve deu um passo na minha direção.

— Você é Avery — disse ela, e respirou, trêmula. — Eu sou...

— Eu sei quem você é.

As palavras saíram mais duras do que eu pretendia, e foi naquele momento que vi sangue seco em uma têmpora dela.

— Ah, que inferno — falei, me aproximando. — Está tudo bem?

— Eu estou bem.

Eve fechou os dedos com força na alça da bolsa surrada que carregava a tiracolo.

— Toby não está — acrescentou.

Não. Minha mente se rebelou. Minha mãe tinha amado Toby. Ele tinha cuidado de mim depois que ela se fora. *Ele precisa estar bem.* A respiração ficou presa no meu peito, e eu deixei que Oren nos levasse para trás da SUV, escondidas de olhos e ouvidos curiosos.

— O que aconteceu com Toby? — perguntei, com urgência.

Eve apertou os lábios.

— Ele disse que, se alguma coisa acontecesse com ele, eu deveria te procurar. E, olha, eu não sou ingênua, tá? Eu sei que você provavelmente não me quer aqui — falou, como uma pessoa acostumada a ser indesejada. — Mas eu não tinha para onde ir.

Quando fiquei sabendo de Eve, propus trazê-la para a Casa Hawthorne. Toby tinha vetado a ideia. Ele não queria que ninguém soubesse de sua existência. *Então por que a tinha mandado para mim?* Comprimindo todos os músculos da barriga e do rosto, me forcei a dar atenção à única coisa importante.

— O que aconteceu com Toby? — repeti, com a voz baixa e gutural.

O vento bateu nos cabelos de Eve. Ela abriu a boca rosada.

— Levaram ele embora.

O ar abandonou meus pulmões, meus ouvidos zumbiram, meu senso de gravidade foi distorcido.

— Quem? — perguntei. — Quem o levou?

— Eu não sei — disse Eve, abraçando a si mesma em um gesto protetor. — Toby me encontrou uns meses atrás, e me disse quem ele era. Quem *eu* era. Estávamos indo bem, só nós dois, mas na semana passada alguma coisa aconteceu. Toby viu alguém.

— Quem? — perguntei de novo, a palavra arrancada de mim.

— Não sei. Toby não quis me contar. Ele só disse que precisava ir embora.

Toby faz essas coisas, pensei, com os olhos ardendo. *Ele vai embora.*

— Você disse que alguém o levou.

— Estou chegando lá — disse Eve, ríspida. — Toby não queria me levar, mas não lhe dei escolha. Eu disse que, se ele tentasse me deixar para trás, eu falaria com a imprensa.

Apesar de uma foto vazada e alguns rumores de tabloide, nenhum veículo de mídia tinha sido capaz de sustentar as afirmações de que Toby estava vivo.

— Você o chantageou para te levar junto?

— Se você estivesse no meu lugar — respondeu Eve, algo quase suplicante em seu tom —, teria feito o mesmo.

Ela baixou os olhos, os cílios impossivelmente longos projetando sombras no rosto.

— Toby e eu desaparecemos, mas alguém estava na nossa cola, nos caçando que nem um predador. Toby não queria me dizer de quem estávamos fugindo, mas, na segunda-feira, disse que precisávamos nos separar. O plano era nos encontrarmos três dias

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Aposta Final"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).